

ativo dos devedores.²⁰ Robert Slenes (1986:110), ao analisar o vale do Paraíba fluminense, observou: "os fazendeiros do Vale continuavam expandindo seus cafezais e comprando escravos até o início da década de 1880". Segundo o autor, a estratégia dos cafeicultores do vale caracterizava-se, nesse momento, por aproveitar ao máximo a capacidade de produção existente, pois as condições de produção (mão-de-obra e produtividade da terra) deterioravam-se em termos absolutos e, principalmente, relativos. Este comportamento conduzia, no tocante ao crédito hipotecário, à obtenção de maiores financiamentos até uma restrição maior por parte dos credores, como a observada em meados da década de 1880.

O valor da hipoteca mantinha uma correspondência com o contingente cativo registrado, pois este último representava uma parte importante da riqueza do proprietário. Deste modo, poderíamos esperar uma relação entre o número de escravos e o valor hipotecado. Em geral, observamos uma tendência de quanto maior o valor, mais escravos eram arrolados, especialmente para as propriedades rurais. Calculamos um coeficiente de correlação entre os dois ativos de 0,59 e 0,71 para as respectivas localidades, considerando apenas os informes em que se registraram a presença de escravos (145 casos para Lorena e 166 para Guaratinguetá). Este forte relacionamento decorria do predomínio de propriedades rurais entre as hipotecas com escravos, mais de 3/4 do total.²¹ Ao realizarem uma transação de crédito agrícola, os contratantes procuravam manter, *grosso modo*, em geral, uma determinada proporção de terra e escravos. Todavia, um grande número de hipotecas não incluía, mesmo no período anterior à Lei do Ventre Livre, os cativos como garantia, sendo a propriedade de terra, cafezais e algumas benfeitorias os principais bens averbados na hipoteca.

²⁰ Os escravos representavam, às vésperas da Abolição, um contingente de trabalhadores muito importante na economia da região. Para grande parte dos escravistas, várias estratégias foram formuladas para conseguir trabalho de modo gracioso por mais alguns anos, mediante, por exemplo, cartas de liberdade sujeitas à prestação de serviço. Além disto, mantinham-se, pelo menos até 1887, as transações de compra e venda de cativos na região. A última escritura deste tipo por nós localizada foi registrada em Cruzeiro (comarca de Lorena) no dia 23 de março de 1887, embora sujeita à condição de o escravo prestar serviço por prazo determinado (10 anos). A análise dos preços dos cativos mostra um crescimento ao longo da década de 1870 e uma redução significativa apenas durante a década de 1880 (tabela 3). Destarte, mesmo apresentando grandes incertezas, o ativo escravo permanecia nas negociações mercantis, especialmente nesta economia cafeeira.

²¹ A diferença entre os coeficientes de correlação das duas localidades aponta para uma importância maior do crédito não-agrícola entre os financiamentos envolvendo cativos em Lorena. As atividades comerciais demandavam, proporcionalmente aos valores negociados, menos cativos do que as agrícolas.